
JÚLIA LOPES DE ALMEIDA CONFERENCISTA

Júlia Lopes de Almeida lecturer

Sílvia Maria Azevedo¹

RESUMO: Aclamada como a mais importante escritora de sua época, Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) passou a integrar o seletivo grupo de intelectuais que participaram, já em 1905, das conferências literárias inauguradas por Coelho Neto e Olavo Bilac no Rio de Janeiro. Faceta ainda pouco explorada na trajetória da autora de *A viúva Simões*, o artigo tem por objetivo recuperar sua atuação como conferencista que abordou temas como a moda, a mulher e a arte, as flores, em sintonia com o espírito de mundanismo e frivolidade que veio a marcar tais eventos litero-sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Júlia Lopes de Almeida; Conferências literárias; Mundanismo.

ABSTRACT: Acclaimed as the most important writer of her time, Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) was part of the important group of intellectuals who participated in 1905 in the literary conferences inaugurated by Coelho Neto and Olavo Bilac in Rio de Janeiro. The objective of this article is to recover Almeida's performance as a lecturer who addressed topics such as fashion, women and art, flowers, in harmony with the frivolous and mundane spirit that came to mark such literary and social events.

KEYWORDS: Júlia Lopes de Almeida; Literary conferences; Worldliness.

Fenômeno de cultura que marcou a sociedade brasileira, na primeira década do século XX,² as conferências literárias tornaram-se, na expressão de Medeiros de Albuquerque, “uma mania insuportável” (MEDEIROS e ALBUQUERQUE, 1942 apud BROCA, 1942, p. 137), de tal forma a prática invadiu setores extraliterários, sendo anunciadas nos jornais da época palestras sobre assuntos os mais extravagantes e arrevesados. Misto de reunião social e entretenimento, as conferências, que ocorriam aos sábados, às quatro da tarde, no salão do Instituto Nacional de Música, no Rio

¹ Professora adjunta da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Assis.

² Brito Broca informa que, na segunda metade do século XIX, as conferências literárias já eram praticadas no Rio de Janeiro, a exemplo de Agassiz que, em 1865, proferiu uma série de “lições familiares” no Colégio Pedro II. Pouco depois de implantadas em Paris, e trazidas para o Brasil, Amenofis Effendi criticava, nas páginas da *Gazeta de Notícias*, em 1878, a “conferenciomania” que tomou conta da corte carioca (BROCA, 1975, p. 136).

de Janeiro, eram frequentadas por um público heterogêneo, formado por literatos, advogados, médicos, engenheiros, senhoras e mocinhas da alta sociedade. Daí a previsível superficialidade das palestras, que versavam sobre temas como “O pé e a mão”, “O ciúme”, “O berço”, “A água” e “A imaginação”, dentre tantos outros.

No livro de memórias *Minha vida* (2. v.), Medeiros e Albuquerque diz ter sido ele que, ao regressar de Paris, em 1906,³ lançara no Rio de Janeiro a moda das conferências literárias, fazendo com que por elas se interessassem Bilac e Coelho Neto. A informação equivocada quanto ao início das palestras é repetida por João do Rio, na *Gazeta de Notícias*, em 1909, quando da publicação da obra *Em voz alta*, reunião das palestras de Medeiros em livro:

Há três anos, num almoço de artistas, Bilac, que conversava no canto extremo da mesa, comunicou a três ou quatro mais próximos a nova ideia de Medeiros e Albuquerque:

— Qual é?

— A das conferências literárias. Fazemo-las um pouco à maneira dos modernos conferentes dos teatros de Paris. Assim, Nepomuceno fará uma da série, tocando os trechos a que se referir.

— E quando é isso?

— Precisamos ver. Aqui não se passam as coisas com tanta facilidade. Um fiasco inicial, a falta de concurso, tudo mata. A campanha agora é preparar o público.

Um mês depois anunciava-se a primeira conferência literária. Era o grande Coelho Neto a tratar de um assunto de vasta poesia: As Mulheres da Bíblia. Corajosamente, com a mocidade e o entusiasmo habituais, prestava-se a ir à frente. Se perdêssemos, ficava ele apenas sacrificado.

- Vou ter umas dez pessoas.

Fomos para lá com um grande medo. Apesar do nome aureolado de Neto, da sua fama de senhor da palavra ardente, se de fato, o público não pegasse? Mas havia meia casa, meia casa de gente inteligente. Coelho Neto falava como se iniciasse um bando de catecúmenos. [...] As frases de Neto queimavam como lume, ardiam como chamas [...]. A sala aplaudia. (RIO, 1909, p. 6)

³ Segundo Brito Broca, “deve haver equívoco de data, ou essa classe de espetáculo já estava aqui em voga, antes da iniciativa de Medeiros; pois no *Memorial do Rio de Janeiro*, Ferreira da Rosa, reportando-se a jornais da época alude ‘às conferências literárias’ do Instituto Nacional de Música, a dois mil reis a entrada, em 1905” (BROCA, 1975, p. 137).

A atração dos literatos pelas conferências justificava-se, em primeiro lugar, por conta dos lucros financeiros, já que as conferências eram remuneradas, sendo o público obrigado a pagar dois mil réis para ouvi-las. Talvez por isso mesmo, as salas viviam lotadas, como observa Joe, pseudônimo de João do Rio, numa das crônicas da seção “Cinematógrafo”, — “Outrora as conferências eram grátis e os cidadãos deixavam as salas num abandono doloroso. Agora paga-se dois mil e a sala está sempre cheia”, — fato esse, acrescenta o cronista, que “[...] para muita gente tem sido uma fonte de renda inesperada e gorda” (JOE, 1907, p. 1).

Nuno Castelões era o empresário responsável pela organização dos eventos e pela venda dos ingressos na redação do vespertino *A Notícia*, onde trabalhavam Bilac e Medeiros e Albuquerque (SIMÕES JR., 2013, p. 93). Embora a iniciativa de Castelões tenha sido um sucesso de público e, sobretudo, para os bolsos dos conferencistas, nem por isso o administrador quis continuar no ramo, e resolveu, para tristeza do cronista Pangloss, de *O País*, “[...] montar uma confeitaria na Avenida... para aproveitar o nome” (PANGLOSS, 1905, p. 2).

Outro motivo a atrair os literatos brasileiros para se apresentarem, nas tardes de sábado, no Instituto Nacional de Música, era a oportunidade que as conferências lhes ofereciam como “[...] um dos melhores meios de dar na vista, de chamar a atenção para a própria pessoa, fazer o próprio reclame” (BROCA, 1942, p. 72). Para tanto, e uma vez que a “conferência é uma arte”, no dizer de Pangloss, não bastava ao palestrante “[...] ser eloquente, dispor de vocabulário, ter ardores de senhor de tribuna: é preciso *saber dizer*, como um ator” (PANGLOSS, 1905, p. 2). “Saber dizer como ator” exigia do conferencista-ator, nas palavras de Júlia Lopes de Almeida, ter “[...] um encanto especial [...] de passar de um assunto a outro assunto sem o menor tropeço, ligando-[os] entre si com tão fina arte que mal se lhes percebe a solução de continuidade” (ALMEIDA, 1909, p. 1).

A péssima acústica do Instituto de Música, no entanto, punha à prova os talentos oratórios de oradores mais capacitados, pois que não logravam falar senão para as primeiras fileiras. Carmen Dolores que, como Júlia Lopes, foi convidada para integrar o ciclo de palestras, relata as dificuldades da colega que, com o seu timbre de voz feminina, tinha dificuldades de se fazer ouvir pela plateia:

Vi na mesma tribuna arfar de cansaço a ilustre conferente d. Júlia Lopes de Almeida, cujas palavras enfraqueciam e não iam além da sétima fila de cadeiras. E nunca me interessou mais a distinta senhora, do que ao senti-la vencendo com a energia do talento, a debilidade do sexo. (DOLORES, 1907, p. 1)

Escritora de prestígio, com vários livros publicados, e colaboradora assídua nos principais jornais e revistas do Rio de Janeiro, Júlia Lopes de Almeida foi a primeira mulher a integrar o seletivo grupo de intelectuais a participar das conferências literárias, promovidas por Medeiros e Albuquerque”. “O império da moda” foi o tema escolhido para a palestra, proferida em 18 de novembro de 1905, e noticiada pelos principais jornais cariocas. Até então, a autora de *A viúva Simões* nunca havia falado em público, motivo por que o Instituto ficou lotado de espectadores, e principalmente espectadoras, curiosos em conhecê-la pessoalmente:

Às 5 horas em ponto, marcadas rigorosamente pelo cronômetro de Bilac, D. Júlia subiu ao estrado do palco do Instituto, sob uma salva de palmas. As senhoras levantaram-se como eletrizadas pela sua presença, e as da primeira fila de cadeiras cobriram-na de flores. Era justo, pela conferencista e por elas. Cessado o rumor dos aplausos e a queda das rosas, a romancista da *Família Medeiros* começou a falar, de pé, o fino perfil destacando-se elegantemente no vestido leve, que um ramo de rosas manchava de vermelho sobre o peito. A palavra sai-lhe em um fio de voz, que mal alcança as últimas filas da sala, mas o gesto é preciso, a dicção perfeita, a expressão fisionômica incisiva, e a atenção cuidadosa em que todos escutam supre perfeitamente a fraqueza do timbre feminino. (ALMEIDA, 1905, p. 2)

Falar sobre moda para Júlia Lopes não era problema, visto que, sob o pseudônimo de Ecila Worms,⁴ o assunto foi abordado por ela na seção “A Moda”, no jornal *O País*, entre 1892 e 1901. Por se tratar de uma *expert* no assunto, os jornalistas que foram assistir à apresentação de Júlia teceram muitos elogios à performance da conferencista, com exceção do cronista Cyrano & Cia, do *Correio da Manhã*, que fez reparos jocosos acerca do título da conferência:

Pelo título da conferência logo se vê que a distinta escritora, como a maioria das senhoras brasileiras, é monarquista.

⁴ A pesquisadora Nahete de Alcântara Silva, em sua tese de doutorado, *Júlia Lopes de Almeida e sua trajetória de consagração em O País*, descobriu que o pseudônimo era da escritora brasileira.

Aliás, damos razão a S. Ex.; a República da Moda seria uma coisa muito pouco interessante e constituiria um tema grandemente pessimista.

Demais, como a conferência falará da moda desde os tempos de antanho, trazendo à cena a era de Luís XIV, de Pompadour, do segundo império, etc. a sua conferência será uma *restauração*.

Pode contar, desde já, com os aplausos do visconde de Ouro Preto e do conselheiro Andrade Figueira. (CYRANO & C., 1905, p. 1)

Em geral, os jornalistas encontraram dificuldade em resumir a palestra, dada a amplitude do tema. Uma vez que a moda, nas palavras de Júlia, “[...] é o espelho em que se reflete o momento que passa”, a palestrante optou pela abordagem histórica, associada à “psicologia do trajar” (ALMEIDA, 1905, p. 2), passando em revista vários séculos do vestuário feminino, com destaque para os feitiços das roupas, o emprego das cores, os penteados, a mudança da cor dos cabelos, os adereços, assim também certos instrumentos de “tortura” impostos à mulher, como o colete e os vestidos-balão, estes armados com arcos de ferro.

“Trabalho de erudição”, na avaliação do jornalista de *O País*, a conferencista, no entanto, soube dosar as informações, disfarçá-las “sob estilo tão faiscante”, de modo que a plateia tivesse a impressão de estar a ouvir “um leve folhetim falado” (ALMEIDA, 1905, p. 2).

“Folhetim falado” que incidiu, a partir dos comentários dos jornalistas, em ideias feitas associadas à moda, como os seus ridículos, as suas extravagâncias, os sacrifícios impostos à natureza pela moda:

Mata as aves mais raras e mais inocentes, penetra nas florestas densas, arrisca centenas de vidas em caçadas perigosas, caçadas ao avestruz, caçadas ao elefante, caçadas aos animais ferozes dos sertões e aos animais terríveis das planícies geladas; vara todos os continentes, faz ir ao fundo do mar em busca da pérola para o brinco selvagem; é aérea, é terrestre, é anfíbia, suga nos alambiques o perfume das flores, paralisa nos metais os raios das pedrarias, quer tudo, pode tudo, obtém tudo, exatamente porque é leviana, porque é fútil, porque se dá toda e logo foge. Segui-la é perigoso... Evitá-la... Impossível. (CONFERÊNCIAS, 1905, p. 3)

Se é impossível deixar de seguir a moda, Júlia Lopes de Almeida compreende, no entanto, que há certos limites impostos pela sociedade, no

que se refere ao modo de se vestir, e que a mulher não deveria infringir, como vai dizer na crônica “O vestuário feminino”, publicada no *Livro das donas e donzelas* (1906).⁵ Apresentar-se em público, envergando paletó, colete e colarinho, é visto pela autora como “[...] uma esquisitice muito comum entre as senhoras intelectuais [...]”, em particular, as feministas, que assim procurariam “[...] confundir-se, no aspecto físico, com os homens, como se lhes não bastassem as aproximações igualitárias do espírito” (ALMEIDA, 2014, p. 7). Na opinião de Júlia, “[...] se a mulher triunfa da má vontade dos homens e das leis, dos preconceitos do meio e da raça, todas as vezes que for chamada ao seu posto de trabalho [...], deve ufanar-se em apresentar-se como mulher” (ALMEIDA, 2014, p. 7).

Ainda que muitas crônicas de Júlia Lopes de Almeida tematizassem as assimetrias entre os gêneros, especialmente lançando luz sobre a importância do letramento feminino, bem como de sua profissionalização, tantas outras, como a crônica “O vestuário feminino”, apresentam-se como espécies de manuais de aconselhamento, cujos preceitos, nas palavras de Vânia Carneiro de Carvalho,

[...] pressupunham uma mulher disponível para o gerenciamento doméstico, livre das atividades reconhecidas como “produtivas”, com tempo para aprimorar conhecimentos de desenho, pintura, música, bordados e, com isso, tornar-se motivo de orgulho para o marido nas recepções sociais.

Observa ainda Vânia Carneiro que “[...] a própria natureza do manual (tal como *O livro das damas e donzelas*) indica um esforço em disseminar esse padrão [de comportamento] em outras camadas da população, sendo, portanto, um indicador importante da sua força hegemônica a partir da elite” (CARVALHO, 2008, p. 30-1).

Há de se lembrar igualmente que, em entrevista concedida a João do Rio, Júlia Lopes respondeu de maneira evasiva a propósito do feminismo — “Acabo de receber um convite de Júlia Cortines para colaborar numa revista dedicada às mulheres. Descanse! Há uma seção de modas; é uma revista no gênero *Femina...*” (RIO, 1994, p. 36) — enquanto em romances, como *A intrusa* e *A falência*, a escritora abordou questões amplamente discutidas pelo feminismo da época, — a instrução feminina, o casamento na vida da mulher, — temas recorrentes em sua obra, inclusive na dramática.

A segunda palestra de Júlia Lopes de Almeida, “A mulher e a arte”, foi proferida no dia 12 de agosto de 1906, ainda nas dependências do

⁵ A crônica “O vestuário feminino” foi originalmente publicada na seção “A Moda”, assinada por Ecila Worms, no jornal *O País*, segundo Nahete de Alcântara Silva.

Instituto Nacional de Música. Perdido o nervosismo da estreia, Júlia apresentou-se mais calma e confiante, tendo sido recebida no salão do Instituto com “uma salva de palmas ardentes” e “dois festões de flores” (ALMEIDA, 1906, p. 6), oferecidos por uma criança.

Afora a segurança da oradora na abordagem do assunto, outra qualidade igualmente destacada pelos jornalistas, e que a tornava “[...] desde logo excessivamente simpática na grei das mulheres de letras” (ALMEIDA, 1906, p. 1), era a forma “[...] totalmente despida de *pose* [...]”, com que Júlia Lopes se apresentou ao público, residindo aí “[...] o segredo de agradar a todos, incondicionalmente” (ALMEIDA, 1906, p. 1).

A despreensão da palestrante, talvez mais aparente do que intencional, pode ser interpretada como uma estratégia na abordagem de um tema cercado de preconceitos, o primeiro deles consistindo em considerar, nas palavras de Júlia, “[...] a escritora como um ente de uma psicologia complicada e perigosa, falando uma linguagem intolerante, pretensiosamente enigmática” (ALMEIDA, 1906, p. 1). Essas escritoras eram as “*bas-bleus*”, expressão pejorativa, que no século XIX, designava as mulheres que, ao invés dos deveres domésticos, se voltavam para a literatura, e que foram criticadas, entre outros, por Barbey d’Aureville (1878)⁶ e Daumier numa série de caricaturas.

Outro preconceito, mencionado por Júlia Lopes em sua conferência, refere-se à prática das artes pelas mulheres, no século XIX, — “meras prendas de salão”, — às quais elas se dedicavam apenas com “um sentimento vago e distraído” (CONFERÊNCIAS, 1906, p. 1). A família, a maternidade, os cuidados com o lar e a educação dos filhos, sendo prioridades na vida das mulheres no Oitocentos, compreende-se que a educação artística e intelectual da mulher ficasse em segundo plano. Há que se apontar ainda as dificuldades enfrentadas pelas mulheres artistas atuantes ao longo dos séculos XVIII e XIX, período denominado de “acadêmico”, para ter acesso a uma formação comparável àquela disponível aos homens (SIMIONI, 2007, p. 88).

Ultrapassados esses preconceitos, as mulheres do século XX passam a respirar ares mais livres e democráticos, de que são exemplo as artistas e escritoras brasileiras mencionadas na palestra: a escultora Nicolina Vaz de Assis (1874-1941), as poetisas Auta de Sousa (1876-1901), Francisca Júlia (1871-1920), Júlia Cortines (1868-1948) e a contista e teatróloga Adelina Lopes Vieira (1850-?), com quem Júlia Lopes escreveu o livro *Contos infantis* (1886). Várias dessas escritoras, como se sabe, foram

⁶ Mais recentemente foi publicada obra *La littérature en bas-bleus. Romancières sous la Restauration et la Monarchie de juillet (1815-1848)*. Paris: Classique Garnier, 2010, que estuda os inúmeros romances produzidos por essas escritoras, e que ficou à margem do cânone.

colaboradoras e colegas de Júlia Lopes em *A Mensageira*, “revista literária dedicada à mulher brasileira”, dirigida por Presciliana Duarte de Oliveira (1867-1944), e que circulou em São Paulo, entre os anos de 1897 a 1900.

Dando mostras de que o seu conhecimento da atuação feminina no campo artístico ultrapassava as fronteiras nacionais, Júlia Lopes faz referência também à atriz Sada Yacco, protagonista do drama japonês *A gueixa e o cavaleiro*, levado à cena em 1902, em Milão, e que irá inspirar Giacomo Puccini na criação da personagem principal da ópera *Madame Butterfly* (ROSA, 2012).

Ao falar da arte musical, a conferencista se pergunta por que, “[...] sendo a música a arte mais cultivada, mais defendida e mais penetrada pelas mulheres” (ALMEIDA, 1906, p. 6), é a que deu menos artistas, embora, no caso do Brasil, a prática no século XIX era de as compositoras não assinarem suas criações, que circulavam como anônimas ou com pseudônimo (cf. MURGEL, 2016, p. 57-72).

A palestra termina em clima de peroração, no discurso emocionado que Júlia Lopes envia à plateia, no sentido de influenciar suas emoções, ou antes, de aconselhar persuadindo, sobretudo a assistência feminina:

Seja como for, a arte é a salvação das almas doloridas e a fascinação das felizes. Crede-me: ela não perverte ninguém; ela redime, ela consola; ela é o gesto de paz que fraterniza os homens; é a Torre ebúrnea, erguida muito alto no negro e espinhento campo dos pecados. Bendita seja! Bendita seja! (ALMEIDA, 1906, p. 6)

A terceira e última conferência literária de Júlia Lopes de Almeida, “As flores”, ocorreu no dia 31 de agosto de 1907, a ilustre escritora sendo aclamada por um público fino e elegante que a foi ouvir e que prorrompeu em palmas, assim que a conferencista subiu ao estrado do Instituto. Impossibilitada de ocupar a mesa, “[...] tantas eram as rosas, as gardêneas, as camélias, as parasitas, os ramos floridos” (ALMEIDA, 1907, p. 6), Júlia falou de pé, durante mais de uma hora.

Ao contrário das palestras anteriores, amplamente comentadas pela imprensa, a terceira não recebeu a mesma atenção dos jornais cariocas, os quais se limitaram a publicar rápidos e superficiais comentários, alguns deles, como o *Correio da Manhã*, usando como justificativa (mais uma vez) a impossibilidade de resumir a conferência, “[...] sem lhe tirar a graça sutil e a poesia cantante” (JIC, 1907, p. 2). Ainda assim, a melhor resenha sobre a palestra “As flores” saiu no jornal de Edmundo Bittencourt:

D. Júlia Lopes de Almeida principiou fazendo uma belíssima invocação a Santa Dorotéia, cuja festa se comemora, em Roma, com flores e mais flores...

Refere-se à botânica, que classifica as plantas, mas não fala da sua poesia; descreve a importância das flores nas mitologias grega e indiana, dos emblemas escolhidos pelos deuses e pelos homens; mostra a importância das flores no armorial e a sua bela significação simbólica; semeia toda a sua conferência de ditos espirituosos e de um pouco de malícia. (JIC, 1907, p. 2)

Ao descartar a abordagem científica das flores, tal como proposta pela botânica, seguramente muito árida para a plateia de donas e donzelas que assistiam à palestra, e optar por tratar o tema na perspectiva histórico-mitológica, com incursões sobre o sentido simbólico das flores nos livros de registro dos brasões, Júlia Lopes dava mostras de dominar as regras da arte das conferências literárias, enquanto meio de instruir deleitando.

A competência em tratar do assunto dava mostras não apenas da larga bagagem cultural da conferencista, mas também do seu amor pelas flores, a ponto de ter sido uma das idealizadoras, em setembro de 1901, de uma exposição, no Parque da República, no Rio de Janeiro. Infelizmente, o desmoronamento do pavilhão de flores ao vitimar um operário, que veio a falecer, inviabilizou o evento e causou repercussão negativa na imprensa. Anos mais tarde, na crônica “Flores”, publicada no *Livro das donas e donzelas*, Júlia Lopes relembra a iniciativa malograda,⁷ a primeira que se faria no Rio, e que tinha por objetivos implantar no Brasil a prática da exposição de flores, tal como acontecia em vários países da Europa, além de valorizar e preservar espécies nativas, como orquídeas, rosas e cravos. No caso das orquídeas, havia urgência em protegê-las da devastação a que eram submetidas por brasileiros e estrangeiros, que as arrancavam das árvores e as enviavam, em caixotes, para as estufas da Inglaterra, França, Holanda, Holanda e Argentina.

A confecção de catálogos, a organização de conferências, a seleção das melhores espécies de flores por um júri, formado por botânicos e donos de floriculturas, a proposta de fundação de uma escola de jardinagem, faziam parte, entre outras iniciativas, do programa da exposição de 1901 que, para além de um evento de caráter social, tinha a proposta de implantar no Rio de Janeiro uma cultura ligada ao cultivo das flores, inclusive como atividade econômica.

⁷ Uma nova exposição de flores, organizada por Júlia Lopes de Almeida e Emerenciana Pádua, ocorreu em 18 de outubro de 1903, no interior da “Exposição Internacional de Aparelhos a Álcool”, na informação do jornal *O País*, de 19 de outubro de 1903, p. 1-2.

Portanto, ao voltar a falar, em 1907, sobre as flores no contexto das conferências literárias, Júlia Lopes de Almeida retomava um tema que lhe era caro, e que remetia, de forma indireta, ao projeto de jardinagem de seis anos atrás, no qual dava mostras de “um senso incomum de ecologia” (MUZART, 2014, p. 139), e sobre o qual voltará a escrever, anos mais tarde.⁸

Embora no ano em que Júlia Lopes proferiu sua terceira palestra a prática ainda estivesse em voga no Rio de Janeiro, pois que foram apresentadas nada menos que trinta conferências públicas, entre os meses de maio a dezembro de 1907 (CONFERÊNCIAS..., 1907, p. 2), em breve elas deixariam de atrair o público, frequentador do Instituto Nacional de Música. Quando da visita de Enrico Corradini à capital da República, em 1908, poucos foram ouvir o intelectual italiano, como vai lamentar Osório Duque-Estrada:

É para lamentar — neste momento em que recebemos a honrosa visita de Enrico Corradini⁹ — que estejam completamente abandonadas pelo público do Rio de Janeiro as conferências literárias, que foram até 1907 uma questão de moda e de *snobismo* carioca, como ainda é hoje o nosso teatro lírico mais *frequentado* pela gente de dinheiro, que finge de aristocracia, do que pelos intelectuais e verdadeiros admiradores da arte. (DUQUE-ESTRADA, 1908, p. 1)

É que, naquele momento, a novidade no Rio era o cinematógrafo,¹⁰ que causava sensação dentro da sociedade carioca, a atrair grande público para as várias salas de exibição de fitas, inauguradas a partir de 1907 (SÜSSEKIND, 1987, p. 41). Diante do entusiasmo com que foi recebida a nova forma de expressão artística, a sinalizar um quadro irreversível de inovações e transformações estético-tecnológicas, na esteira da modernização que se procurava imprimir ao país, nem mesmo Coelho Neto, com toda a tarimba de conferencista, conseguiu vencer a concorrência do cinematógrafo, na constatação, entre irônica e desolada, do jornalista do jornal *O País*:

⁸ Júlia Lopes escreveu sobre jardinagem nas obras: *A árvore* (coletânea de crônicas e poemas), escrita em parceria com o filho, Afonso Lopes de Almeida. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1916; *Jardim florido*, jardinagem. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922.

⁹ Enrico Corradini (1865-1931), jornalista, romancista, dramaturgo, político e pensador nacionalista, é autor do romance *La patria lontana* (1910).

¹⁰ Segundo Flora Süssekind (1987, p. 26), “datam de 1896 as primeiras projeções do cinematógrafo no Brasil”.

As próprias conferências, que foram tempos atrás a grande nevrose da sociedade carioca, generalizadas em seguida pelo país inteiro, já não despertam sensível entusiasmo.

A última delas, tendo embora o nome de Coelho Neto para recomendá-la à atenção do público e apesar de ser destinada a auxiliar a ereção do monumento de Martins Penas, teve a mais desoladora das assistências.

Entre a palavra de Coelho Neto e uma exibição da “última criação Pathé Frères” o nosso público não hesita um segundo, não vacila um instante – vai ao cinematógrafo. (A EXPOSIÇÃO..., 1908, p. 2)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A EXPOSIÇÃO Latour. *O País*, Rio de Janeiro, n. 8633, p. 2, 23 maio 1908.

CONFERÊNCIAS literárias. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, n. 322, p. 3, 19 nov. 1905.

CONFERÊNCIAS literárias. A mulher e a arte. D. Júlia Lopes de Almeida. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 1858, p. 1, 13 ag. 1906.

CONFERÊNCIAS literárias. As flores. D. Júlia Lopes de Almeida. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 244, p. 6, 1. set. 1907.

CONFERÊNCIA literária. D. Júlia Lopes de Almeida. A mulher e a arte. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 223, p. 6, 18 ag. 1906.

DONA JÚLIA Lopes de Almeida. O império da moda. Uma estreia brilhante. *O País*, Rio de Janeiro, n. 7712, p. 2, 19 nov. 1905.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. Dois dedos de prosa. *O País*, Rio de Janeiro, n. 9041, p. 1, 6 jul 1909.

_____. *Jardim florido*, jardinagem. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922.

_____. *O livro das damas e das donzelas*. São Paulo: Porteiro Editor Digital, 2014.

_____.; ALMEIDA, Afonso Lopes. *A árvore* (coletânea de crônicas e poemas). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1916.

AUREVILLY, Barbey. *Les bas-bleus*. Paris: Bruxelles: Victor Palmé. G. Lebrocqy, 1878.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil* — 1900. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Departamento de Cultura da Guanabara, 1975.

CARVALHO, Vânia Carneiro. *Gênero e artefato*. O sistema doméstico na perspectiva da cultura material — São Paulo, 1870-1920. São Paulo: EDSUP; FAPESP, 2008.

CYRANO & C. Pingos e respingos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 1591, p. 1, 18 nov. 1905.

DEL LUNGO, Andrea; LOUICHON, Brigitte (org.). *La littérature en bas-bleus*. Romancières sous La Restauration et la Monarchie de juillet (1815-1848). Paris: Classique Garnier, 2010.

DOLORES, Carmen. Conversando... *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 3095, p. 1, 17 jul. 1907.

DUQUE-ESTRADA, Osório. Conferências... *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 2594, p. 1, 21 out. 1908.

JOE. Cinematógrafo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 248, p. 1, 15 set. 1907.

JIC. Conferências literárias. D. Júlia Lopes de Almeida. As flores. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 4042, p. 2, 2 set. 1907.

MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo. Mulheres compositoras no Brasil dos séculos XIX e XX. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação, SESC*, São Paulo, n. 3, p. 57-72, nov. 2016.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Um romance emblemático de Júlia Lopes de Almeida: crise e queda de um sistema. *Navegações: Revista de Cultura de Literatura de Língua Portuguesa, Programa de Pós-Graduação em Letras (PUCRS)*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p.134-41, jul.-dez. 2014.

PANGLOSS. O dia. *O País*, Rio de Janeiro, n. 7620, p. 2, 19 ag. 1905.

RIO, João do. Em voz alta. As conferências de Medeiros e Albuquerque. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 182, p. 6, 1. jun. 1909.

_____. *O momento literário*. Apresentação e organização Rosa Gens. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Fundação Biblioteca Nacional; Departamento Nacional do Livro, 1994.

ROSA, Daniel. A gueixa e o cavaleiro. Sadayakko e Otojiro Kawakami: os primeiros sinais de teatro japonês em Portugal. *Sinais de cena*. Revista de Estudos de Teatro e Artes Performativas. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Teatro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, v. 17, n. 56, p. 56-9, jul. 2012.

SILVA, Nahete de Alcântara. *Júlia Lopes de Almeida e sua trajetória de consagração em O País*. 2015. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. Mundanismo e patriotismo na oratória bilaquiana. *Revista USP*, São Paulo, n. 97, p. 93-102, mar.-maio 2013.

SIMONI, Ana Paula Cavalcanti. *O corpo inacessível: as mulheres e o ensino artístico nas academias do século XIX*. *ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte*, Programa de Pós-Graduação em História, Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 83-97, jan.-jun. 2007.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Data de recebimento: 5 de março de 2018

Data de aprovação: 30 de abril de 2018